

Odilon Nogueira de Matos

Embora com bastante atraso, cremos ainda oportuno o registro de diversos volumes referentes a Goiás, recebidos por gentileza da preclara historiadora goiana Gilka Vasconcelos Ferreira de Sales, professora da Universidade Federal de seu Estado. Integram os volumes a coleção sugestivamente denominada **Documentos Goianos**, dirigida pela Professora Gilka e editada oficialmente pela Universidade Federal de Goiás. Destina-se a coleção, segundo palavras da própria apresentação, à “divulgação de obras de importância cultural, inéditas ou já publicadas, com edições esgotadas, que se encontram dispersas, confinadas em algumas bibliotecas particulares, disseminadas em coletâneas e revistas de indiscutível valor, é certo, mas inacessíveis à maioria dos pesquisadores e aos interessados (...); a exemplo de outras congêneres, deverá abranger todas as áreas do conhecimento, pois intenta divulgar as produções mais expressivas e marcantes dos esforços do indivíduo e da comunidade aqui radicados”. Programa vasto, como se vê, pois abrange igualmente as áreas da erudição e da ficção. Temos conhecimento de doze volumes, publicados entre 1978 e 1982. Não podemos informar se a coleção teve prosseguimento. Esperamos que tenha tido ou ainda venha a ter, pois será uma pena se se interromper iniciativa de tal natureza.

Inicia-se a coleção com o **Almanach da Província de Goyaz para o anno de 1886**, organizado e redigido por Antônio José da Costa Brandão, com 157 páginas. Vem esta reedição prefaciada pelo Professor José Cruciano de Araujo, na época (1978) Reitor da Universidade Federal de Goiás. Seu prefácio cuida da origem dos almanaques, do pouco que se sabe da vida do autor do almanaque goiano e de uma apreciação de seu conteúdo: “a par de uma breve notícia corográfica das comarcas, vilas e paróquias da Província, oferece uma messe palpitante de dados sobre a instrução pública e a demografia”, tudo precedido de uma “Breve exposição sobre a Província de Goiás e a origem de seus habitantes”.

Do autor, informa o prefaciador ter militado na Guerra do Paraguai, fixando-se depois na cidade de Goiás. Além de dois almanaques, deixou **Apontamentos para a História de Goiás**, que permanecem inéditos até hoje. Infelizmente, faltam, na presente reedição, indicações bibliográficas relativas à primeira edição. Não é bastante saber que foi publicada na cidade de Goiás, em 1886. O ideal teria sido estampar um clichê com a página-de-rostro da edição original.

O segundo volume, **Romanceiro & Trovas Populares**, apresenta-nos “esparços” de Antônio Americano do Brasil, coligidos e prefaciados por Basileu Toledo França. O prefácio, além de conter o “perfil de um homem lúcido”, ou seja a biografia do autor, que o prefaciador considera “a maior cabeça que Goiás já produziu”, acrescentando que ninguém se lhe compara, em qualquer época, porque “as qualidades de vários cidadãos ilustres se acham reunidas neste goiano excepcional, glória perene das nossas letras”, vale mesmo como excelente contributo à história da literatura goiana.

Teve Americano do Brasil vida movimentada, embora curta, pois faleceu com apenas quarenta anos. Formado em medicina no Rio de Janeiro, ingressou no Corpo de Saúde do Exército. Participou ativamente, se bem que por pouco tempo, da vida política, como deputado federal pelo seu Estado, de 1921 a 1924. Atacado de cruel enfermidade, que suportou estoicamente, retornou ao Planalto Central em busca da saúde perdida. Na ocasião, já havia publicado **Cancioneiro de trovas do Brasil Central**, editado em São Paulo por Monteiro Lobato.

No segundo semestre de 1925, ei-lo já instalado na antiga Vila Formosa de Couros. De ex-deputado federal, ex-secretário de Estado e ex-médico do Hospital Central do Exército — diz Toledo França — passou humilde e resignadamente a médico de roça e cidadão comum da pequena comunidade onde foi viver. Clinicava ali e na região vizinha, exercendo, ainda, as atividades de advogado provisionado (“advogado formado em medicina”, como ele próprio dizia), viajando em cavalgadas ou nos primeiros “fordecos” que por lá apareceram. A partir de 1927, passou a viver em Santa Luzia, onde encontrou a morte, tragicamente assassinado cinco anos depois, a 20 de abril de 1932, “vítima de intrigas e maledicências de lugar pequeno”, informa o prefaciador da edição de seu livro.

Americano do Brasil escreveu muito, particularmente sobre história, medicina, sociologia e folclore, que foi o campo a que mais se dedicou. Pouca coisa do que escreveu foi publicada. Elaborou uma História de seu Estado para o grande **Dicionário Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil**, editado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro por ocasião do centenário da Independência (1922), mas o volume em que sua colaboração deveria sair não chegou a ser publicado.

O presente volume (1978, 224 páginas) reúne dois trabalhos de sua autoria, salvos agora do esquecimento: **Romanceiro e Mil e uma trovas luizianas**, e vem ilustrado com fotografias e documentos. Dois trabalhos que se completam em sua grande obra, segundo plano do próprio autor. Foram escritos em Santa Luzia, entre 1927 e 1929. Basileu Toledo França encerra seu prefácio sugerindo aos poderes públicos de seu Estado a publicação das obras completas de Americano do Brasil, “para que não desapareça esta notável parcela da cultura literária e popular do Estado de

Goiás, a qual se deve a uma inteligência privilegiada, posta ao longo de toda a vida a serviço de sua terra e de sua gente”; procedendo a um levantamento de tudo quanto o autor goiano escreveu (publicado e inédito) e com uma notícia bem circunstanciada das homenagens que lhe foram tributadas: páginas em prosa e verso em sua honra, seu nome dado a entidades culturais e como patrono na Academia Goiana de Letras e no Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, a inauguração de seu busto em Silvânia (a cidade onde nasceu) e até um município do Estado batizado com o seu nome.

*

Vem a seguir pequeno volume, o terceiro (1979, 52 páginas), consagrado a Leopoldo de Bulhões, o maior estadista goiano da República. Enfeixa duas conferências proferidas por Benedicto Silva: “O estadista Leopoldo de Bulhões”, realizada no Ministério da Fazenda, então no Rio de Janeiro, em 1956; e “A vida retilínea de Leopoldo de Bulhões”, na Academia Goiana de Letras, em 1978. A primeira deu título ao volume. Por um lapso, na capa figura “Leopoldo Bulhões” em vez de “Leopoldo de Bulhões”, que é como ele, de fato, se chamava. Encerra o volume uma série de “conceitos” de Leopoldo de Bulhões e de opiniões e juízos sobre ele, de várias e notórias individualidades do País.

O estadista goiano (1856-1928) – convém recordar – iniciou sua carreira política ainda ao tempo do Império; foi constituinte em 1890/1891, deputado federal, presidente eleito de Goiás (cargo que não chegou a exercer) e senador da República até 1902, quando Rodrigues Alves o chamou para seu Ministro da Fazenda, função que desempenhou novamente no breve governo de Nilo Peçanha (1909-1910); elegeu-se mais duas vezes senador pelo seu Estado; deixou várias obras, entre as quais **Discursos Parlamentares** e **O meio circulante e a abolição dos escravos**, publicadas em 1882 e 1884, respectivamente.

*

O quarto volume (1980, 255 páginas) consta de uma reedição fac-similar da **Viagem às terras goyanas**, de Oscar Leal, publicada originalmente em 1892 pela “Typographia Minerva Central”, Largo do Pelourinho, 17, em Lisboa. O autor era credenciado como membro da Sociedade de Geografia de Lisboa e de outras “corporações científicas” e a obra vinha precedida de um prólogo de Pinheiro Chagas e “adornado com várias gravuras de Pastor, photo-gravuras de Reinhol e enriquecida com uma carta do Sul de Goyaz” e ainda “desenhos do auctor”.

A presente reedição vem apresentada pelo Professor Atico Villas Boas da Mota, do Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universida-

de de Goiás. Vale a pena transcrever este trecho de sua apresentação: “Em primeiro lugar, gostaria de registrar o escasso material sobre o autor nas fontes brasileiras. Bom seria o trabalho de se vasculhar os arquivos portugueses nos quais serão encontrados muitos dados que esclarecerão as atividades ‘desbravadoras’ do último andarilho romântico que nos visitou. Seu livro não representa apenas um simples relato de viagem, mas, sem qualquer sombra de dúvida, uma cadeia de vivências destacando-se a figura do curioso viandante de maneira muito integral, cujo retrato de corpo inteiro apoia-se na maneira de enxergar o mundo pelo lado otimista, engraçado e irônico. Acostumei a descobrir nas páginas de Oscar Leal a figura do repórter; suas análises nem sempre são aprofundadas; suas críticas não vão além do pitoresco ou do romântico. Valem as passagens que servem como documentário de costumes. Quase nada sabíamos a respeito das festas da antiga Barro Preto não fosse a descrição que dela faz o viajante lusitanófilo, não lhe escapando pormenores mundanos que se fazem presentes durante aquela tradicional festa religiosa. As figuras dos seus hospedeiros são sumariamente esboçadas. Registrou as manifestações teatrais e os inúmeros festejos cívicos e religiosos”.

O viajante descreve sua patética aventura partindo de São Paulo para fugir ao “*tedium vitae*” de que fora acometido. Documenta o que pode, conforme testemunha a Professora Gilka Vasconcelos Ferreira de Sales: “Face a face com a natureza, enfrenta perigos pondo à prova a sua coragem e perspicácia, não raras vezes emuladas pela tolerância e paciência requeridas nas paragens desconhecidas, ante as enchentes inevitáveis e os obstáculos surgidos”.

Embora o prefaciador se refira ao “escasso material sobre o autor nas fontes brasileiras”, informa que no **Dicionário** de Sacramento Blake encontram-se preciosas referências à vida de Oscar Leal, através das quais se percebe quão versátil, inquieto, curioso e boêmio ele foi. Nasceu no Rio de Janeiro em 1862. Tinha, portanto, apenas vinte anos quando realizou a viagem a Goiás, que descreve neste livro. Filho de portugueses, foi mandado a educar-se em Portugal. Tão logo se formou, regressou ao Brasil, iniciando a partir de então uma série de viagens pela América Latina e depois pela Europa. Era formado em cirurgia dentária, segundo informa Sacramento, não se sabendo se chegou a exercer a profissão. Tudo indica ter sido pessoa de posses. Revelou-se ainda divertido prestidigitador e animador teatral, devendo ter causado sucesso nos sertões de Goiás, segundo conjectura o prefaciador do livro.

*

O quinto volume — **Presidentes e Governadores de Goiás**, de Joaquim Carvalho Ferreira (1980, 188 páginas) — constitui subsídio va-

lioso para a história administrativa de Goiás. Trata-se de obra póstuma (seu autor faleceu em 1970, tendo nascido em 1902) e de sua edição para esta série cuidou o Professor Emanuel Augusto Perillo, cujo prefácio contém não apenas os traços biográficos do autor, mas ligeira apreciação sobre o interesse do livro: “não obstante possíveis imperfeições, a obra se configura rica em ensinamentos históricos”. Curiosa observação do prefaciador: “o silêncio do autor no período que medeia entre fins de 1937 e término de 1945; dá a impressão de uma acefalia no governo estadual”. É que nesse período (o chamado “Estado Novo”), Goiás, como todas as unidades da Federação, voltou ao regime de intervenção federal e, tal como ocorreu também na maior parte dos Estados, o interventor que exerceu o poder discricionário imposto pela Carta de 10 de novembro de 1937, foi o mesmo governador já existente (Pedro Ludovico Teixeira), mantido durante o octênio de duração do regime. E acrescenta o prefaciador: “O autor, por razões que se desconhecem, nada quis dizer sobre esse período”. Da assinatura do ato transferindo a capital do Estado para Goiânia (23 de março de 1937) o autor pula para o que aconteceu após a queda de Getúlio Vargas em 29 de outubro de 1945...

O livro arrola desde o primeiro presidente da Província, o pernambucano Caetano Maria Lopes da Gama (que exerceu a presidência de 1824 a 1827) até Belarmino Cruvinel, que governou o Estado apenas por três meses, em 1946. Biografias sucintas, com as realizações mais significativas de cada governo. Será de toda a conveniência se alguém de Goiás se dispuser a atualizar o livro, chegando até aos governos atuais. Afinal são quarenta anos que nele ficam faltando. Registre-se que o autor foi professor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás e membro da Academia Goiana de Letras. Observe-se ainda que o livro resultou de artigos publicados originalmente na “Folha de Goiás”, recolhidos e revistos por amigos para a efetiva publicação em volume.

*

O volume sexto consiste em mais uma coletânea de escritos, desta vez sobre História deixados por Antônio Americano do Brasil: **Pela História de Goiás**, com introdução, seleção e notas de Humberto Crispim Borges (1980, 215 páginas). Além da introdução, o volume traz uma nota bio-bibliográfica sobre o autor, seguindo-se, depois, dezesseis textos selecionados, publicados originalmente em jornais de Goiás, a saber: 1. Centenário de Goiás; 2. A cidade de Goiás; 3. O desbravador dos sertões (o Anhangüera); 4. Relatório da Capitania de Goiás, em 1812 (do Cônego Luiz Antônio da Silva e Souza); 5. A fonte da Boa Morte; 6. Um pasquim histórico; 7. O Frei Caneca de Goiás (Cônego Luiz Bartolomeu Marques); 8. O nascimento do príncipe (o futuro D. Pedro II); 9. Os recenseamentos; 10. O bispo cego (D. Francisco Ferreira de Azevedo); 11. O assassina-

to do ouvidor (Jerônimo José da Silva Castro); 12. O primeiro ouvidor do Norte (Joaquim Teotônio Segurado); 13. Questão de limites Goiás/Pará; 14. No prólogo da Independência; 15. O governo Jardim (José Rodrigues Jardim, quarto presidente de Goiás, governando de 1831 a 1837); 16. Pobre História, de Goiás; 17. O Brigadeiro Felipe (Felipe Antônio Cardoso).

A essas dezessete crônicas publicadas na imprensa goiana (e com indicações precisas do local e data de publicação) segue-se o estudo sobre “Cunha Matos em Goiás”, publicado primeiramente na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1927 (tomo 96, volume 150). Este capítulo vem precedido de uma nota biográfica de Cunha Matos, de autoria de Crispim Borges, o organizador do volume, e a ele segue-se uma série de seis documentos de Cunha Matos.

*

O volume sétimo contém um estudo dos aspectos físicos (geológicos, climáticos, biogeográficos e geomorfológicos) do **Complexo Termal de Caldas Novas** (1981, 98 páginas), elaborado por uma equipe de professores do Departamento de Geografia e Geologia e do Instituto de Química e Geociências da Universidade Federal de Goiás: Antônio Teixeira Neto, José Eduardo Albuquerque de Macedo Costa, José Ubiratan de Moura, Orlando Francisco da Rocha Almeida, Roberto Luiz Franco Bucci e Valter Casseti. Embora versando sobre matéria especializada, o livro vem vasado em linguagem acessível mesmo aos leigos, concluindo com um capítulo bem sugestivo sobre “Aproveitamento turístico e área de influência do Complexo de Caldas”.

*

O volume oitavo – **Deslocados de Guerra em Goiás**, de Jan Magalinski (1980, 222 páginas) – estuda uma cooperativa agrícola formada em Itaberaí, nas proximidades da cidade de Goiás, reunindo imigrantes de onze nacionalidades, sendo a maioria poloneses, rumenos, ucranianos e iugoslavos, que para o Brasil vieram após a Segunda Guerra Mundial. Trata-se, com efeito, da primeira cooperativa organizada na América Latina por “deslocados de guerra”. O próprio autor é um integrante desse grupo de refugiados e originalmente seu trabalho foi uma dissertação de mestrado apresentada à Universidade de São Paulo, e para a qual o autor teve como orientador o eminente antropólogo João Baptista Borges Pereira, o que já constitui uma excelente recomendação. Consta seu livro de quatro capítulos: no primeiro, traça o autor a caracterização do grupo de “deslocados” e seus antecedentes históricos; no segundo, oferece um esboço histórico da imigração polonesa no Brasil; no terceiro, cuida do interesse de Goiás pelos problemas de imigração; e finalmente, o quarto é todo consagrado ao

estudo da cooperativa criada no interior de Goiás. Anexo documental, fontes e fotografias complementam o volume. Trabalho conscienciosamente elaborado, dentro das exigências metodológicas das ciências sociais.

*

O nono volume é uma homenagem à grande poetisa goiana Cora Coralina, com a reunião dos **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais** (1980, 217 páginas). Trata-se de terceira edição do livro, tendo as duas anteriores sido publicadas em 1965 (Rio de Janeiro, José Olympio) e 1978 (Imprensa da Universidade Federal de Goiás). “Homenagem aos setenta anos de contribuição da autora à vida cultural regional, onde seus versos estão impregnados dos objetos imediatos e caseiros, das vivências interioranas, sem cair no folclorismo, mas sempre universalizando esta região agressiva e ao mesmo tempo hospitaleira, que é Goiás”, diz a nota da editora apresentando o livro. Diversas páginas em prosa e verso, em homenagem à autora, precedem seus poemas: “Cora Coralina, professora de existência”, de Oswaldino Marques; “Lição de vida”, de Lena Castelo Branco Ferreira da Costa; “Um privilégio e uma oportunidade”, de Sílvia Alessandri Monteiro; e poemas de Célia Siqueira Arantes e Circe Camargo Ferreira. E ainda as “orelhas”, com excelente comentário de J. B. Martins Ramos. Cora Coralina, cujo verdadeiro nome era Ana Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, veio a falecer quase centenária em 10 de abril de 1985.

*

De **Tecelagem Artesanal** cuida o décimo volume, apresentando-nos uma pesquisa etnográfica realizada em Hidrolândia por Marcolina Martins Garcia (1981, 188 páginas). Tal como volume sobre os “deslocados da guerra”, há pouco mencionado, também este resultou de uma dissertação de mestrado na área da Antropologia Social, apresentada à Universidade de São Paulo e elaborada sob a orientação da etnóloga Thekla Hartmann, agora devidamente revista e ampliada, “quer pela oportuna sugestão da Banca Examinadora, quer pela própria evolução de nossa pesquisa”, esclarece a autora. Assim, foram acrescentados dados complementares, mapas e anexos, bem como um capítulo enfocando as transformações sofridas pela tecelagem artesanal, acréscimos que vieram trazer “mais algumas informações no sentido de apresentar um trabalho tão atualizado quanto possível”. Apresentação de Saul Martins. O livro descreve o aspecto material da tecelagem e alguns aspectos a ela relacionados. “Limita-se à descrição dessa atividade humana numa área geográfica específica tal qual foi possível ser apreendida nos dias atuais. Focaliza mais especificamente a matéria-prima, tanto a usada na tecelagem propriamente dita, quanto a empregada na tintura dos fios, os instrumentos e seu uso, as diversas fases

do trabalho, as duas formas de ajuda mútua que ocorrem entre as tecedeiras. A análise das coleções etnográficas feitas durante a pesquisa de campo permite, ainda, um ensaio de tipologia dos tecidos e repassos, além de um primeiro passo na investigação do mundo de representação das tecedeiras de Goiás” (da nota de contracapa).

*

Os dois últimos volumes da coleção — o undécimo e o duodécimo — são consagrados à música em Goiás. O grande Estado central foi, desde os tempos coloniais, um foco bem vivo de atividade musical. A velha cidade de Goiás, bem como Pirenópolis, tornaram-se famosas pelas suas realizações nos domínios da música, apresentando ambas uma boa quantidade de autores e de conjuntos musicais em nada inferior ao que se fazia em outras cidades do País. Não só música sacra, como secular. Muitos desses compositores goianos estão tirados do esquecimento graças a pesquisas como, por exemplo, a da professora e também notável pianista Belkiss Carneiro de Mendonça, já bem conhecida dos melômanos pelos seus excelentes discos. É de sua autoria o volume 11, intitulado **A Música em Goiás** (1981, 385 páginas). Seu livro informa sobre as manifestações musicais em diversas cidades, notadamente em Goiás e Pirenópolis. Os serões familiares, concertos e serestas são descritos, enfocando seus principais participantes — intérpretes ou compositores — como também os conjuntos musicais existentes. As festas religiosas, especialmente as da Semana Santa mereceram um destaque especial, pelo que elas representam não apenas como realizações artísticas, mas pelo seu significado social.

Exaustiva pesquisa realizou a autora fazendo reviver pessoas e momentos, cujas memórias estivessem, talvez, ameaçadas. Seu livro é enriquecido com inúmeros exemplos musicais, excelentemente transcritos, e ainda com expressivas ilustrações. Ao fim da leitura, o leitor sente-se tentando a perguntar: “que fazer para divulgar essa música ? ” É certo que alguns discos já têm sido editados (em Goiás mesmo e o próprio autor desta nota tem o privilégio de possuir um deles), mas por serem de edição local, têm pouca divulgação. O que é pena, pois os compositores goianos merecem ser conhecidos.

Trabalho de pesquisa tão meritório quanto o anterior é o último da coleção (129) e que se refere particularmente à **modinha** na velha Vila Boa de Goiás (1982, 342 páginas). Sua autora, a Professora Maria Augusta Calado de Saloma Rodrigues — informa nota de contracapa — tem se votado dedicadamente aos estudos folclóricos, tendo se graduado nesta especialidade pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tem trabalhos publicados sobre a música em Goiás (particularmente em Pirenópolis), elaborou roteiros musicais para documentários cinematográficos e gravou

em disco o **Primeiro Recital de Compositores Goianos** e, posteriormente as **Modinhas Goianas**, para o saudoso Marcus Pereira, ela própria atuando como solista (soprano). Talvez seja este seu novo livro o mais completo estudo já elaborado no Brasil sobre a **modinha**, embora restrito a um local, no caso a antiga capital de Goiás. E tal como o livro de Belkiss, vem fartamente ilustrado com fotografias, documentos e exemplos musicais. "Orelhas" bem redigidas por José Mendonça Teles.

*

Eis, ligeiramente noticiada, a preciosa coleção **Documentos Goianos**. Como dissemos de início, não temos conhecimento de volumes posteriores ao décimo-segundo. Fazemos votos para que a coleção, em tão boa hora idealizada e iniciada, tenha prosseguimento. Há muita coisa boa sobre a terra goiana à espera de reedição, obras raras, de acesso quase impossível aos interessados de hoje. A Professora Gilka Vasconcelos Ferreira de Sales, provavelmente a idealizadora dos **Documentos Goianos** ou, pelo menos, a sua coordenadora, há alguns anos teve oportunidade de apresentar a uma reunião da Sociedade Brasileira Para o Progresso da Ciência em Curitiba, comunicação sobre a historiografia goiana do século XIX e seu próprio trabalho poderá constituir excelente roteiro para reedições que se pretenda fazer: a **Corografia**, de Cunha Matos, os relatos de viajantes estrangeiros, a **Viagem ao Araguaia**, de Coutó de Magalhães, a monografia do Visconde de Taunay sobre Goiás em 1875, os escritos do Cônego Silva e Souza, os **Anais**, de Pereira de Lencastro, e tantos outros mais, aos quais poderão juntar-se estudos modernos (como já o fez a coleção), inclusive trabalhos de grau universitário, de uma instituição tão atuante como sabemos ser a Universidade Federal de Goiás.

Para a **Notícia Bibliográfica e Histórica** é muito significativo oferecer esta "notícia" dos doze volumes da Coleção **Documentos Goianos**. O primeiro número especial desta publicação (nº 25, de agosto/setembro de 1971) foi todo consagrado a Goiás, reunindo dezessete textos de interesse para a história goiana, desde relatos referentes às primeiras explorações do território até escritos relativos à nova Capital do Estado. Preparamo-lo ao ensejo da realização em Goiânia em setembro de 1971, do Sexto Simpósio Nacional de Professores Universitários de História. Embora trabalho modesto e até impresso em condições precárias, despertou enorme interesse entre os participantes da importante reunião, o que nos animou a realizar idêntico trabalho com outras regiões do Brasil, ao ensejo de novos simpósios da Associação Nacional de Professores Universitários de História: Minas Gerais (1973), Sergipe (1975) e Santa Catarina (1977).

No textuário goiano que esta revista apresentou em 1971, limitamo-nos à divulgação dos textos. Faltou um trabalho, por pequeno que

fosse, de comentários aos mesmos, quando nada para situá-los na conjuntura do tempo. Alguém fez esta crítica, inteiramente justa. Mas o fascículo já estava impresso. Talvez um dia o retomemos, com os mesmos textos, mas com os comentários reclamados.

Ao encerrarmos estas considerações sobre a coleção **Documentos Goianos**, queremos testemunhar à Professora Gilka Vasconcelos Ferreira de Sales nossos agradecimentos por nos ter enviado a coleção, permitindo-nos, assim, conhecer o excelente empreendimento a que se abalanchou a Universidade Federal de Goiás e que poderá servir de exemplo a tantos outros institutos universitários do País.